ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1923 N.º 711

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

BRASIL!

Passou hoje por Lisboa o sr. dr. Epitacio Pessoa, ex-presidente da Republica Brasileira e notavel homem publico do país lusiada de Alem-Mar.

O *Diario de Lisboa* recorda hoje, vivamente, as expressões de carinho fraterno e de grandesa afectiva com que, por indicação e inspiração desse brasileiro ilustre, todo o Brasil recebeu Portugal ha aproximadamente um ano, quando foi da viagem do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Acima da diplomacia e dos meros interesses transitorios da politica, durante um mês o espirito da nossa Raça pairou sobre a terra

EPITACIO PESSOA

brasileira, vibrantemente, gloriosamente, apaixonadamente, por uma maneira nova na vida dos povos, por mais irmãos, por mais eguais, por mais afins.

A estada do sr. dr. Epitacio Pessoa, e de sua familia, algumas horas em Lisboa, aviva a nossa recordação. E', por ela, instantanea mas perduravelmente, que se sente vibrar a corda mais fina da alma brasileira, a corda lirica, a corda amcrosa, a corda sentimental, que são aquelas onde se escondem todos os acordes das raças e onde se conjugam todas as aspirações e todos os fundamentos das nacionalidades.

Não foi o sr. dr. Epitacio Pessoa que passou hoje por esta cidade quieta e romantica á beira do Tejo. Foi todo o Brasil que passou por nós, como um calafrio ou como um beijo.

A GRANDE exposição de produtos e artes regionais que se realisou em Santarem e hoje se encerrou ao pôr do sol, foi uma bela manifestação de regionalismo. Não desse regionalismo das discursatas que é, muitas vezes, mais um artificio politico que uma sincera tendencia. Mas dum regionalismo real, vivo, que conseguiu levantar num pedaço de terra uma sintése de todas as belezas do Ribatejo—essa região que é, incontestavelmente, a mais caracteristica e das mais portuguêsas de todas, esse rincão onde tudo é energia e vida, desde os musculos fortes dos campinos á nobreza forte dos toiros.

Na espera de toiros, como sempre cheia de movimento e de côr; na exposição, onde pudemos admirar tudo quanto o Ribatejo tem de caracteristico e de belo; no banquete da Escola Agricola, em que tudo foi regional, desde os vinhos á vitela inteira assada no espeto, conduzida por dois campinos; no sarau do Teatro Rosa Damasceno, com a apaixonada conferencia de Mota Cabral sobre o *ribatejismo*, a admiravel mancha regional que é a peça *A' Sesta* de Faustino Reis Sousa, os fados de Homero Cancio e as canções e danças pelos rapazes de Santarem; em tudo perpassou a alma admiravel e forte do Ribatejo, terra de côr e de energia, onde a tradição se mantem intacta, resistindo á invasão do extrangeirismo.

O regionalismo, tal como o entende o Ribatejo, longe de ser um elemento de divisão, é o melhor auxiliar do patriotismo. Porque uma nação começa a perder a sua independencia no dia em que começa a descaracterisar-se, deixando-se invadir pela onda desnacionalisadora dos costumes e das leis.

* * *

INFORMA-NOS um português que vive em Paris de que, á porta do nosso consulado, se reunem quasi todos os dias magotes de operarios portugueses, afim de visarem os seus passaportes.

Como são obrigados a uma certa demora, passam o tempo proferindo palavrões que muito vexam algumas senhoras portuguesas que passam pelo meio deles—o que não quer dizer que as francesas que atravessam as ruas ou moram, nas casas proximas do consulado, não olhem envergonhadas para tal espectaculo.

O nosso consul—pessoa de primorosa educação—ignora tudo isto, visto ao seu gabinete, onde atarefadamente trabalha de manhã até á noite, não chegarem ecos sequer de tais scenas.

Como se trata de má propaganda... de Portugal, é de desejar que ela acabe e quanto antes.

* * *

É NA proxima quinta-feira, pelas duas horas da tarde, que, no salão nobre do teatro Nacional, o poeta Antonio Boto realisa a sua tão anunciada conferencia.

Espera-se grande concorrencia, tanto mais que o autor das *Canções* ainda até hoje se não fez ouvir em publico, apesar dos rogos dos seus muitos amigos e admiradores.

A conferencia pertence á serie das organisadas pela *Contemporanea*.

* * *

MME Lucie Delarue Mardrus começou já a publicar em *Le Journal* as suas impressões sobre o nosso país. São palavras de justiça a que a sua delicadissima sensibilidade dá um encanto sem igual. Publicaremos ámanhã a sua tradução.

AS opiniões em Portugal representam muitas vezes uma corrida para o absurdo. Reputamos desta especie a que defende a trasformação da Basilica da Estrela em Panteon.

Mesmo este termo parece-nos pouco proprio como designação do edificio em que os nossos mortos ilustres repousarão no algido silencio do seu renome, consagrado pela veneração da posteridade. Ha nêle qualquer coisa incompativel com a verdade dos nossos sentimentos.

A Basilica da Estrela—a unica Basilica portuguesa—não pode sair fora do seu destino. Busque-se um outro local que não ha de ser dificil de encontrar.

O importante é entregar o caso á escolha de pessoas competentes.

A egreja de Santa Engracia reune condições que talvez a tornem aproveitavel e sem grandes despesas.

Porque não cuidam da sua adptação? As obras a fazer não podem demorar muito tempo. Nem os Jeronimos nem a Basilica da Estrela são templos em que se recolham ossadas ou se construam mausoleus.

A sua categoria de monumentos nacionais construidos sob uma inspiração simultaneamente religiosa e patriotica, não consente que lhe enxertem outra significação.

Eles falam por si, dispensando, portanto, que um mau espirito sectarista, incapaz de perceber a força e a belesa do passado e a grandesa da fé em que se inspirou, queira deturpar o pensamento das gerações, que aliás foi respeitado por aqueles que, amando e servindo Portugal, nunca pretenderam, com as suas obras, converter-se em elemento de discordia, perante a nossa propria consciencia.

* * *

DEVIDAMENTE informado por quem possue especial autoridade no assunto, temos o maior praser em declarar que, na ultima conferencia de Guerra Junqueiro com o sr. dr. Bernardino Machado e uma outra pessoa, o autor de *Os Simples*, não obstante discordar francamente de certas afirmações e pontos de vista do segundo, não teve duvida em afirmar, referindo-se á proxima eleição presidencial:

—«E', contudo, a quem eu daria o meu voto para a presidencia»—.

Proferiu estas palavras, designando o sr. dr. Bernardino Machado, quando falava com o terceiro interlocutor.

Como nunca foi nosso empenho falsear a historia para ferir pessoas, restabelecemos a verdade dos factos, para ficarmos de bem comnosco—o que é a unica maneira de fazer justiça a todos.

* * *

O SR. Afonso de Macedo, inspector da Exploração do Porto de Lisboa, realisa ainda esta semana num dos nossos teatros uma conferencia subordinada ao tema «Os Transportes Maritimos e o interesse nacional».

* * *

PELO Ministerio da Instrução foi louvado o reitor do Liceu de Alexandre Herculano, do Porto, dr. Julio Cesar da Vitoria, pelo brilhantismo com que decorreu a festa nacional de educação fisica.

* * *

E' de Miguel de Unamuno, celebridade de Hespanha, o belo artigo que, na nossa pagina do Estrangeiro, publicamos sobre Guerra Junqueiro.

Subvenções

Reclamações

Do capitão de engenharia sr. Joaquim Mendes Moreira recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Confiado na muita lealdade de v., e respondendo á «nota» de «um militar», publicada no seu muito lido jornal de 27 do corrente, venho pedir-lhe a publicação do seguinte:

1.º—*Um militar* parece desconhecer a missão do oficial de engenharia, não só em campanha como em tempo de paz.

2.º—Parece desconhecer tambem que dois individuos que se destinem, um á arma de engenharia e outro ás armas geraes e que terminem o curso dos Liceus ao mesmo tempo, quando o de engenharia termina os seus estudos, já o outro oficial tem recebido os vencimentos correspondentes a quatro anos de serviço, sendo para notar que ambos serão tenentes ao mesmo tempo.

3.º—A necessidade de se pagar melhor aos oficiais de engenharia é tão flagrante, quanto é certo que, emquanto nos quadros das armas geraes ha supras em quasi todos os postos, no quadro da arma de engenharia ha uma falta notavel de oficiais.

4.º—Decerto *Um militar* desconhece ainda que, desde a fundação do antigo Real Corpo de Engenheiros, sempre o vencimento dos oficiaes engenheiros foi muito superior ao dos outros oficiais do Exercito.

Pedindo me desculpe o vir tomar um pouco de espaço no seu conceituado jornal, subscrevo-me de v., etc., *Joaquim Mendes Moreira*, capitão de engenharia.

Sobre o «Cofre dos emolumentos dos magistrados judiciais», recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. Director—Envio duas linhas apenas, Sr. Director, para que o leitor as leia e... V. as publique na integra. Vão ser distribuidas, estamos na devida oportunidade, as quantias depositadas no Cofre dos Emolumentos dos Magistrados. E, segundo me informam, essa distribuição vai ser feita por todos os Magistrados igualmente, isto é, todos receberão o mesmo, quer tenham tido chorudos emolumentos quer não. Vai assim atraiçoar-se a lei e até aquele principio equitativo que inspirou a criação do mencionado Cofre-principio em virtude do qual, aqueles dos Magistrados que tinham recebido parcos emolumentos, seriam então, e dum certo modo, um tudo nada compensados. Não pode ser Sr. Director, mas se tal injustissimo criterio fôr por diante, que ao menos estas linhas fiquem a marcar uma atitude, e sirvam duma tal ou qual compensação... moral, ao menos, para o signatario delas. Ainda que venham a conceder-se á Magistratura, desde janeiro, os beneficios resultantes das novas percentagens e coeficiente, ainda assim, nem por sombras ha o direito de pôr de parte aqueles principios de inteligente equidade e de Justiça que devem ser o lêma de todo o bom Magistrado. E falo por agora, e apenas, nesses principios de equidade e Justiça, para não importunar mais, Sr. Director, com a fastidiosa indicação de textos legais. São dezenas, largas dezenas de Juizes e Delegados por esse país fóra que, a consumar-se o facto a que venho aludindo, vêem assim os seus recursos injustissimamente minguados em algumas centenas de escudos, e são esses Magistrados aqueles que menos proventos têm!

Pela publicação desta gratissima, ficará a V. quem, com a mais subida consideração, se assina—«Um magistrado de vinte escudos mensais de Emolumentos».

"Mãos de Arminho"

Estreia-se hoje no Condes este novo romance de aventuras

A *matinée* elegante de hoje no Condes assinalou-se pela estreia da 1.ª jornada do novo romance folhetim *Mãos de Arminho* perante uma concorrencia numerosissima e distinta. Tem esta 1.ª jornada do novo *film* todas as qualidades proprias a despertarem um enorme intêresse e curiosidade no publico, grande apreciador desta especie da folhetins animados que acompanham o verdadeiro folhetim em publicação nos jornais. *Mãos de Arminho* é a alcunha de um emerito gatuno, que uma mulher persegue conseguindo por fim leva-lo ao bom caminho da sua regeneração. Amanhã, em *soirée* da moda, cabe a vez á estreia de uma engraçadissima comedia.

Duplicadores com tipo "MILLOTYP"

Não gastam tinta stencil e dispensam maquina de escrever
Agentes exclusivos: OLIVER, LIMITADA
R. da PRATA, 250, 2.º Telefone N. 3158

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

CRONICA LITERARIA

A justiça do marechal-Duque

por Mario de Almeida

Foi a 30 de Julho de 33. Ha justamente noventa anos. D. Pedro havia chegado a Lisboa, dois dia antes, a 28. Napier e o duque da Terceira estavam doentes. Foi por isso que não puderam evitar a carne assada do Teles Jordão, segundo disseram mais tarde. Mas depois das glorias digeridas o quartel-general lembrou-se do Valdez, do José Valdez, que morava numa casa isolada adeante de Queluz, ao pé de Massamá e que bebia os ares pelo senhor D. Miguel a tal ponto que se preparava para emigrar tambem com ele. De forma que aos primeiros alvores dêste dia 30, um graduado desempenado na sua sobrecasaca asul, refulgente na sua gola à Polignac, levando atráz de si vinte dragões do regimento do barão d'Eschwege, foi até Massamá com ordens secretas e misteriosas. Pelas dez horas encontravam a casa no meio daquele imenso descampado de Barcarena, facilmente reconhecivel pelo seu telhado ponteagudo de quatro aguas, rodeada por uma horta virente. O Valdez, desconfiado, já prevenido da visita, errava por todos os cantos, farejando de arcabuz na mão. Ao vêr o destacamento, parar no meio da charneca adormecida sob o sol resplandecente, aguardando. Quando percebeu que era com ele, interpelou com rudeza:

—Que me querem vocês?

Os outros, em grita desordenada, intimaram-no a voltar para casa. O Valdez apertou nervosamente o delgado da clavina, rouquejou qualquer cousa, livido, cambaleante. E entrou cerrando a porta devagar. Uma paz imensa pareceu novamente descer sobre a campina torrada onde ao fundo, esfumados em calor, se desenhavam em confusa nebrina os cabeços de Cintra. Dos lados de Rio de Mouro, de toda a luserna em tôsto, vinham, de quando em quando, baforadas de carqueja queimada. Nas cristas de Agualva os pinheiros hirtos, subindo ao assalto das colinas, assistiam impassiveis. E em qualquer canto obscuro um fio de agua vagorosa e que se não via, cantava em cadencia num trilar sem fim. Então o da gola à Polignac desmontou, tirou a *czapska* lentamente, desabotou a sobrecasaca azul, sentou-se sôbre um satyro de pedra tombado debaixo da latada. E num gesto indiferente e placido:

—Vá lá, rapazes!

A casa parecia adormecida tambem na exaustão do calor asfixiante. Sobre o telhado, do lado que descaía sobre a emposta do portão da sege, um lençol ondulava mansamente na caricia mais viva da brisa que principiava a levantar-se. Todas as persianas estavam fechadas. Debaixo da tilia que farfalhava arrumada junto da empena do norte, um renque de aspidistas carcomidas batia em cadencia as folhas de encontro ao muro. Um gato dormia ao sol. E, dentro, o silencio era absoluto.

Os dragões d'Eschwege multiplicaram-se. Alguns abriam amplamente as carcelas, escorrendo agua. Azoinando com blasfemias, invadiram a arribana, carrearam palha em fardos enormes para junto das paredes. Toda a lenha seca que apodrecia ao canto da parreira foi arremeçada aos empuchões de encontro á porta. Febrilmente arrancaram aos punhados montões de tojo em derredor, que arrumavam amparados ás vidraças hermeticas. Um latagão, a golpes de machado, abateu um limoeiro, todos juntos o empurraram, o enfiaram com brutalidade por uma das janelas, quebrando os vidros que no silencio tilintaram num fragor longo e sinistro. Depois uma chama rebrilhou algures, um fio ligeiro de fumo, subiu placido, ondeou, sumiu-se. Na irradiação sem fim mil chaminuculas imperceptiveis lamberam por toda a parte, crepitando nas achas resequidas. E bruscamente uma longa lingua de fogo, espalmada, subiu, fulgurou, alastrou na parede, num faiscar mais vivo. Em roda os homens formavam circulo, vigiando as saidas, de armas aperradas. Entre colunas de fumo negro surdiram os brazeiros e na paz adormecida da campina as chapas de zinco que resguardávam as armas, dobravam, estalavam num gemido plangente. Na trapeira apareceu uma cabeça de mulher, aflita, pondo as mãos numa suplica alucinada e louca. Como dentro o fogo já rumorejava, trepou, saíu, escorregou no pendor agudo do telhado, rebolou até ao algeiroz, descomposta, com a saia de granedo escarlate onde luzia a barra de veludo negro já enrodilhada nos joelhos—e na saliencia da cornija ficou colhida, pendurada pela sua saia de saloia, numa postura tão obscena, que os soldados, em baixo, gargalharam furiosamente, aos uivos. Na ventania brusca que se levantou, cumplice dos homens, as quatro empenas desapareceram de subito numa labareda unica; toda a casa ardia num rouco estrepitoso.

A mulher, porventura alcançada já pelo fogo, pela chama, tremia num alarido:—Nossa Senhora! Nossa Senhora!—espalmando-se para fugir sem poder consegui-lo, picara e tragica, pendurada na sua cornija. No rumor crescente, cá em baixo, os dragões clamoravam:—Assa, porco! Assa, porco! Tórra! Tórra!—E numa janela do rez-do-chão, aberta com desespero, com bravia furia, de novo surgiu o Valdez, hirsuto, doido, sempre de clavina na mão, já tisnado, negro, sinistro, cuspindo palavras que se não ouviram, amaldiçoando e rugindo. Fez ainda o gesto de apontar, de disparar e de subito desapareceu, largou o arcabus, voltou com duas crianças, dois garotinhos, dois botões de rosa—quanto limpidos! quanto socegados!—que sorriam sem compreender, num grande olhar absorto e vago. Estendeu as mãos mostrando os filhos, implorando para os filhos. E sentia-se-lhe um grande soluço desesperado e terrivel. Um archote em brasa, atirado ao acaso por um dos soldados, tombou-o de bôrco, prostrado para dentro, com os pequenitos apertados de encontro ao peito num gesto de infinito carinho, num gesto intradusivel de derradeira protecção. A grita redubrou:—Assa, porco! Assa, porco!...—mais fogo ateou a fogueira enorme envolvendo lentos rolos de fumo, fazendo crepitar com mais vivesa o pardieiro meio consumido.—Tórra! Tórra!—Justamente uma mulher, a Valdez, a companheira do porco que torrava, assomou na mesma janela, estendeu os braços fulminando, adusta, tão ferozmente tragica, ululando em gritos tão formidaveis, tão repleta de sublime rancor, Medêa alucinada, que os outros recuaram, emudeceram. No proprio momento em que um tiro a derrubou para a banda de dentro, ao lado do porco que torrava, as asnas desabaram com estrondo, todo o telhado se afundou num pêgo de fogo levantando até aos ceus placidos milhares de faiscas que viajavam depois molemente pelo espoço tranquilo. A voz arquejante que soluçava sem fim—Nossa Senhora! Nossa Senhora!—cessou de repente, no intimo do brasido que aquietava, agonisante, fumegando com lentidão nas claridades silenciosas do meio dia. Os soldados aquietaram tambem. Descançaram. E em melopeia:—O porco torrou! O porco torrou!—foram-se aparelhando outra vez para o regresso. O senhor comandante do destacamento ergueu-se então do seu satiro de pedra, da fresca sombra da latada, remecheu devagar na cinza com a bainha do espadão. Depois ficou-se a considerar a boa, a excelente justiça que haviam feito ao Valdez, á mulher do Valdez, aos filhos do Valdez, aos serviçais do Valdez, raça daninha, raça execravel que não acreditava nas virtudes do bom senhor D. Pedro—o Dador!—e odiava profundamente o senhor duque da Terceira—o heroe!

Mario de Almeida

—GUY D'OLIVEIRA—
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Ayres Kopke*
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Ana Santos Moreira, D. Luisa de Campos Henriques de Almeida Lemos e Seixas, D. Maria Joana Soares Mascarenhas de Cabedo Lencastre e D. Adelaide Braamcamp de Melo Breyner (Sobral).

E os srs.:

Dr. Antonio de Aguiar, dr. Carlos de Melo e Costa (Ficalho), José Homem de Figueiredo Leitão, Antonio de Gusmão Calheiros e José Eduardo Maria de Matos Mendes de Vasconcelos Guimarães (Riba-Tamega).

—Passa hoje o aniversario natalicio da senhora condessa de Penha Garcia.

Casamentos

Está justo oficialmente o casamento da sr.ª D. Maria Margarida Barruncho Ferraz, gentil filha da sr.ª D. Albertina Barruncho Ferraz e do sr. Francisco Taborda Ferraz, já falecidos, com o sr. Francisco Augusto Galvão Metrass de Campos, filho da sr.ª D. Joana Amelia Galvão Pereira.

O casamento deverá realisar-se ainda este ano.

—Damos em seguida a nota das prendas oferecidas á sr.ª D. Palmira Marques Soares e ao sr. Capitão da Administração Militar Felisberto Pereira Tavares, por ocasião do seu casamento, que se realisou no sabado passado, na egreja de Santos-o-Velho, como noticiámos:

Do noivo á noiva, um anel de safiras e brilhantes; da noiva ao noivo, um alfinete de brilhantes e safiras; dos pais da noiva, um cesto de prata artistica; dos pais do noivo, uma grande salva de prata; do dr. Francisco Soares e esposa D. Maria Regina, irmãos da noiva, um serviço de prata para almoço; do engenheiro sr. Zeferino Soares, irmão da noiva, uma rica salva de prata cingelada; de D. Maria Luisa Soares Vieira e seu marido dr. Gonçalo Vieira, irmãos da noiva, um lindo galheteiro em estilo, de prata; de D. Alice da Conceição Marques Soares Barbosa e seu marido sr. José Barbosa Junior, irmãos da noiva, uma riquissima cesta de prata para pão; do irmão do noivo, sr. Manuel Tavares e esposa, um lindo serviço completo em porcelana, para chá; dos tios da noiva, D. Maria Rosalia Cravo e seu marido, uma coberta regional; de seu tio Joaquim Soares e esposa D. Celina Batalha da Cunha Soares, um lindo faqueiro em prata e um artistico crucifixo em nogueira e bronze; da tia da noiva D. Emilia Marques, um par de solitarios em cristal e prata; de D. Rosalina Marques Pinto e seu marido sr. Alfredo Pinto, tios da noiva, uma bonita cesta para pão em prata encanastrada; do sr. Antonio Joaquim Marques e sua esposa, um estojo com colheres para café; do tio do noivo sr. Manuel João Sardo, uma salva grande em prata; do pequenino sobrinho da noiva, menino Zé Gonçalo, uma linda caixa de pau preto com aplicações de prata; da prima da noiva D. Maria Augusta Soares Valente, uma escova de prata para fatos; da prima da noiva D. Palmira Soares Cravo, um estojo com colheres para chá, em prata; de D. Maria Albina Soares e seu marido, um lindo tabuleiro em cristal lapidado com azas de prata; do primo da noiva, sr. Manuel Augusto Soares, um coador de prata para chá: de D. Valdemira Cascais e seu marido, um estojo para unhas, em prata; do menino Julio Cascais Junior, um almofadão em rendas de bilros e seda; de D. Maria José, Alice e Ofelia, primas da noiva uma linda caixa para selos em pau preto e prata; dos primos da noiva, sr. Manuel Pinho e sua esposa, uma caneca de cristal e prata; de D. Maria do Carmo Vieira, tia do noivo, uma elegante taça de cristal Bacarat; do sr, Antonio Vieira Pinto e sua esposa D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, primos do noivo, um lindo alfinete de brilhantes e perola e duas jarras guarnecidas de prata, signé Leitão; do dr. Carlos Barbosa e sua esposa D. Maria Augusta Vieira Barbosa, primos do noivo, uma artistica bilheteira de marmore e prata; de D. Carolina Vieira de Pinho e seu marido dr. Bernardo Gomes de Pinho, uma lindissima taça-saladeira em cristal doirado; de D. Maria do Carmo Pinto Barbosa e menino Carlos Alberto Pinto Barbosa, um lindo serviço em porcelana para café; de D. Mariana Pinto Barbosa e seu marido dr. Manuel Barbosa, uma bonita taça de cristal de cor com aplicações de prata; do sr. dr. Xavier da Silva e sua esposa, um lindo centro de mesa em cristal e prata; do sr. padre Antonio Luis Carneiro um lindo crucifixo; de D. Palmira Gomes, um almofadão lindamente bordado por s. ex.ª; dos srs. José de Almeida Branco e Francisco Mauricio um grande centro de mesa com cestinhos para fruta, em prata; de D. Maria Rodrigues Tavares Cirne e Oliveira e seu marido, um estojo para escritorio, em prata; do sr. João Pedro Marques Vilar, uma rica salva de prata: do sr. Herculano Ferreira e sua esposa, um lindo cesto de cristal com aplicações; do sr. Ricardo Batalha da Cunha. um serviço para café em porcelana: de D. Teresa Batalha da Cunha, duas argolas de prata para guardanapos; de D. Elvira de Assunção Rodrigues e seu marido, uma mesa para chá; do sr. Julio Baptista, uma taça para sorvete em cristal e prata; de Ana Francisca e D. Apolonia da Silva, um galheteiro; de sua criada Ausenda, um «tête-á-tête» de porcelana com tabuleiro; de D. Maria José de Pinho, um centro

Recitas da moda

Esta noite realisa-se em São Carlos a primeira recita da moda em que se representa a engraçada comedia «Carta Ananima», que tanto exito obteve no inverno passado no Nacional e que actualmente está atrahindo a São Carlos uma enorme concorrencia devido não só ao seu fino espirito mas sobretudo ao magnifico desempenho que lhe dá a explendida companhia Lucilia Simões-Erico Braga. A noite de hoje nesse teatro será por todos os motivos elegantissima.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dará amanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse e á noite no São Luiz, inauguração da epoca, com a 1.ª representação da revista «Fado Corrido», o grande exito do teatro Maria Victoria, do Parque Mayer; no Nacional, recita da moda e 1.ª «reprise» da peça «20.000 dollars», no Politeama, recita da moda com a «reprise» «As duas causas» e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Doentes

Encontra-se muito doente a sr.ª D. Rosa de Jesus Simões, mãe do nosso amigo sr. Bernardino Simões.

CONVEM SABER PARA VOSSO INTERESSE que o Deposito da Covilhã, tem oficinas de alfaiataria para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, e por preços excecionais, tomando a responsabilidade pela «boa confecção e aprimorado acabamento». Continua a vender excelentes casimiras de estambre para homem e senhora, e lãs em fio para malhas, **ao preço da fabrica. Mandam amostras ao domicilio.**

ROCIO. 93, 2.º andar (tem elevador).
FILIAL, rua do Ouro, 206, 1.º esquina da rua da Assunção, entrada LOJA DA AMERICA.

DA CIDADE ETERNA

Uma "Bohemia" de artistas

na capital italiana

e o novo livro de Justino de Montalvão

intitulado "Missa profana"

Um feliz acaso trouxe-me ás mãos a «Missa profana». Trata-se dum volumezinho de 250 paginas escassas, pequeno formato, com o sugestivo sub-titulo «Visões de Roma» e salpicado, talvez propositadamente, de palavras em latim. E' seu autor Justino de Montalvão, que os leitores por certo apreciam como escritor e bem conhecem como diplomata.

Neste volumezinho, repassado de misticismo e de sensualismo, Justino de Montalvão, usando dum estilo trabalhado e fantasista, sempre abundante em imagens, ás vezes arrojadissimas, faz como que uma burilada e travessa reportagem das impressões que recebeu quando, ha já bastantes anos, «durante três meses vertiginosos», visitou a Cidade Eterna, a «Urbs divina», como ele a decidiu crismar.

A «Missa profana», dita sob a irresistivel invocação de Pan, de Apolo e de Venus, é oferecida á «gente nova das Republicas de Portugal e do Brasil, irmãs pelo sangue e pela esperança»; a todos os «que andam pela terra redonda», etc.; e o volumezinho é o 3.º da interessante serie — «Trilogia latina» do mesmo escritor. Os anteriores, que ainda nenhum feliz acaso me trouxe ás mãos e me consta estarem exgotados, teem respectivamente os titulos — «Italia coroada de rosas» e «Terra encantada».

Folheava quasi distraidamente, confesso, a «Missa profana», numa tormentosa noite de inverno, muito indignado com a chuva que, caindo a jorros, não me permitia ir admirar, no «Argentina», a graciosidade e a elegancia da Giannina Chiantoni, em «Lanemica», drama com intuitos patrioticos de Niccodemi, já representado em Lisboa, quando, a paginas 30, no capitulo «Kiries», — em que Justino de Montalvão expõe algumas das suas impressões de incançavel «touriste» ao desembarcar em Roma, acabando, por sinal, com o sacramental «Amen», — lemos o seguinte:

«Ao apear-me no Largo de San Carlo, á porta do antigo convento de frades em que o Progresso, inconoclasta e ateu, instalara uma «boemia de artistas» (o sublinhado pertence-me), o meu tedio exalou se nesta frase rabujenta:

—Fico aqui três dias, o tempo de ver o Foro, o Coliseu, o Vaticano e, já agora, o Papa!»

Irresistivelmente sorri-me e pensei: é sina, afinal, de todos os portugueses, em romagem piedosa ou artistica á veneranda capital do Catolicismo, irem parar com os ossos e as malas á «boemia de artistas» de que me fala, na sua «Missa profana», tão cheio de unção espiritual, o ilustre escritor. E então melhor humorado e com certa curiosidade — para que negá-lo? — continuei a leitura, pois logo calculei que outras referencias havia de encontrar á famosa pensão do Largo de San Carlo, ao Corso.

Não me enganei. A paginas 51 (num capitulo em que Justino de Montalvão, sempre usando das suas arrojadissimas imagens, chama «Offenbach» ao Tempo) lá torna ele a ocupar-se da celebrada «boemia de artistas» do Largo de San Carlo, para lhe render as suas homenagens e para a «fotografar» nestes precisos termos encomiasticos:

«... e viver em Roma, como eu vivi, nesse Convento da Santa Boemia, ao lado da igreja de San Carlo, entre pintores, jornalistas, musicos, escultores, toda uma geração tumultuosa, ingenua, quimerica e revolucionaria, em que se misturavam e chocavam as linguas, os dialetos, os entusiasmos e as loucuras dumas poucas de nações e de raças, discutindo, cantando, rindo e gritando á volta da mesa cheia de «fiaschi», entre as paredes do refeitorio iluminadas de «frescos» fantasistas; atroando á noite as antigas celas monasticas com hinos anarquistas e blasfemas «nietzschianas», que deviam transir as almas dos frades, que nelas tinham rezado; vibrando de ardor impetuoso, como um vulcão jorrante de mocidade, no meio da capital do Catolicismo, em pleno Corso aristocratico, jesuitico e mundano»...

A pensão instalada no Convento da Santa Boemia — as voltas que o mundo dá! — depois da viagem a Roma do meu caro Justino de Montalvão, transformou-se inteiramente. Todavia — ó milagre dos milagres! — apesar de continuar a ser, ininterruptamente, na «Piazza di San Carlo», ao Corso, no predio contiguo á igreja e no mesmo 4.º andar, onde, durante os seus «vertiginosos três meses», ele habitou, — a pensão é outra! Não tem aquele ar sepulcral de convento que lhe é atribuido, porque os quartos já não se assemelham a celas de frades... Nas paredes das supostas celas não existem vestigios de frescos fantasistas, mas de horriveis pinturas, aquelas que se usam, geralmente, quando não se forram os quartos a papel! A sala de jantar só parece um refeitorio, porque a mesa ainda é a mesma mesa de pinho estreita e comprida e porque os doidivanas dos comensais ainda não perderam o tradicional costume romano de escorropichar varios «fiaschi» de vinho, pago agora á parte, pois o sr. Pancaldi, o proprietario da pensão, diz, e diz bem, não ser possivel pela escassa diaria, que lhe pagam, fornecer vinho á descrição... e a tais fragueses.

A «boemia de artistas», que frequenta a pensão, continua a ser, para desgraça do seu proprietario, bastante ralaça na liquidação das suas contas. E' ouvir contar o que desde epocas remotas tem sucedido ao simpatico sr. Pancaldi e á sua rabugenta consorte. Imaginem os leitores que muitos dos «habitués» da famosa boemia comiam e bebiam, ha anos e anos, sem pagar, por este endiabrado processo, que não envergonha quem o inventou: chegados ao fim do mês sem vintem, os ilustres comensais da familia Pancaldi, esperando sempre a remessa da sua «bolsa de estudo», não acolhiam as solicitações do dono da casa, como ele, afinal, queria. «Denaro... non c'é, carissimo Pancaldi» — exclamavam. E então, generosamente, os da boemia, ofereciam-lhe um quadro, uma estatueta... em «terracotta» ou um simples desenho, ao qual, com uma modestia inigualavel, atribuiam um valor enorme. Para o dono da casa não desconfiar, eles não lhe ofereciam de vez, definitivamente, as suas preciosas obras; emprestavam-lhas... até que a bolsa de estudo se transformasse em liras, o que não sucedia regularmente por complicações politicas ou dificuldades burocraticas nos respectivos paizes, pelo mau estado das linhas ferroviarias e telegraficas, etc., etc.

Mas, um belo dia, o sr. Pancaldi precisou, como toda a gente, não de objectos de arte, mas de dinheiro para, na frase italiana, «tirare avanti»; e lembrou-se, com uma ingenuidade impropria dos seus anos, de se desfazer dum famoso «capolavoro», que um jovem pintor espanhol, um futuro rival de Murillo, lhe deixara como penhor dum mês de pensão. Foi bastante doloroso para o sr. Pancaldi arrancar o precioso quadro da parede, sobraçá-lo e ir á rua «del Babuino» a um dos numerossimos negociantes do artigo, a fim de o converter em liras. O sr. Pancaldi esperava um acolhimento festivo, pois ia resolvido a não pedir senão o que ele julgava — o justo preço do seu «capolavoro». Mas — ó decepção! — o negociante olhou para o quadro e sorriu-se manhosamente, ao mesmo tempo que lhe atirava, á queima roupa, este doloroso golpe: — Quem lhe impingiu esta soberba porcaria?

— Porcaria?! Era lá possivel, um quadro dum pintor joven, é certo, mas já celebre? E o velho Pancaldi retorquiu: — O senhor engana-se; o senhor não percebe o que tem diante dos olhos... «A rivéderci» — e saiu pela porta fóra, furioso, deixando o judeu da rua «del Babuino» a puchar melancolicamente pela aguçada pera e com um sorriso escarninho a morrer-lhe nos labios.

Mas o quadro, depois de haver entrado em todos os negociantes da «via del Babuino», só rendeu o suficiente para ficar paga uma semana de pensão! O sr. Pancaldi vestiu de luto e a sua respeitavel consorte não só quebrou uma duzia de pratos na cozinha, mas deixou queimar os durissimos bifes destinados aos seus insignes comensais.

E agora, depois desta ligeira introdução, vou dar noticias ao meu caro Jutino de Montalvão sobre alguns factos que se sucederam na pensão, depois de a ter abandonado, ha já bastantes anos.

O Justino de Montalvão deve lembrar-se das duas filhas do sr. Pancaldi? A mais baixa, bonitota e sempre amavel com os seus hospedes, teve varios «finanzati» ingratos; a outra, a mais alta, apanhou bexigas e deu em dactilografa. Encontrei-a o outro dia, mas não são já as «signorine» de ha quesi vinte anos: são agora duas autenticas «zitellone»...

E para imitar Justino de Montalvão, na sua «Missa profana», tambem metermos latim nesta antiga cronica, que só hoje, á falta de melhor assunto, desenterro do fundo duma gaveta, terminando com uma frase que me recorda a velha gramatica pela qual estudei o «idioma-mãe», como chamava ao latim o meu saudoso mestre padre Amaral Leitão:

«Tempus fugit».

E. GARCIA

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
ás 21,30
A peça de grande sucesso, de H. BERNSTEIN tradução de AVELINO DE ALMEIDA
A GARRA
Com ALVES DA CUNHA e BERTA DE BIVAR, respectivamente, nos papeis de «Aquiles Cortelon» e «Maria Antonia»

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 2 ESPECTACULOS 2 = A's 8 3/4 e 10 3/4 = — HOJE
A extraordinaria revista
FADO CORRIDO
Com todos os numeros novos e todas as suas hilariantes atracções!
NOTA SENSACIONAL — Em virtude do inegualavel exito alcançado a revista o «Fado Corrido» passa a exibir-se desde ámanhã neste teatro e no teatro S. Luís por duas companhias diferentes.

Atophan "Schering"
Não existe remedio igual a este para combater GOTTA, o RHEUMATISMO ARTICULAR, DOR SCIATICA, LUMBUGO, etc.
Em todas as boas Farmacias

TEATRO SÃO LUIZ
Definitivamente
A'manhã — Quarta-feira — A'manhã
Inauguração da epoca de verão
com a celebre revista em 2 actos e 10 quadros que atualmente se representa com grande sucesso no teatro MARIA VITORIA e que desde este dia se representará nos dois teatros.
Espectaculo inteiro ás 9,45 da noite. Desde as 8,30 haverá no jardim de inverno concerto por «Jazz Band» e completo serviço de refrescos.
Preços especiais
O mais barato e deslumbrante espectaculo

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE — RECITA DA MODA — Peça para familias
A impagavel comedia
CARTA ANONIMA
Graciosas criações de Lucilia Simões e Erico Braga
Primoroso programa pelo sexteto
O TEATRO MAIS BARATO, AREJADO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00
(á venda de dia, sem aumentos)
A seguir: A comedia
AMOR A QUANTO OBRIGA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A ultima saudade

Quando ela já muito velhinha, folhita seca que o vento do amor tocára muito cedo e arrebatára da ramagem mais alta da vida, onde as aves teem meio dia de sol e de canto — passava naquela rua, voltava sempre a cabecita nevada de cuidados, e procurava com duas lagrimas aquele retrato, onde os seus vinte anos eram um paradigma de beleza, boquita crucificada, humida, de sorriso brando, pupilas pequeninas e negras, prezas nos cilios longos, como cabecitas rebeldes de andorinhas em ninhos de ciro.

Tinha setenta anos. Já ninguem lhe beijava o seu anel ducal, e no seu solar, apenas os creados velhos, como as arvores velhas, quando a viam passar, pequenina e trémula, colhendo as mesmas rosas vermelhas, de purpura prelaticia, de ha cincoenta anos, ciciavam baixinho: — Salve-a Deus, menina!

Nas salas de tectos artezonados, do solar decrepito, não havia um retrato, um apontamento, um desenho sequer, da sua beleza de outr'ora.

Se ela os déra todos! Se cada retrato tinha sido um amor, se cada amor tinha sido um [illegible]o da sua vida, até envelhecer!

Só naquela rua, os seus vinte anos sorriam. Todos os dias ia lá conversar com eles, preguntar-lhes quantos rapazes a beijavam olhando-a, quantos amores constantes, quantos amores prometidos, quantas lagrimas, quantos ciumes, na superficie quieta e apagada da fotografia antiga.

—Tantos! Tantos, minha avósinha! Roubam-me o sol que o coração já não o tenho. Ele é teu, e ficou naquela saudade...

— A ultima!

— Já morreu a ultima rosa vermelha do teu jardim?

— Ainda não.

—Então, espera! E quando fôr a enterrar teu corpito leve e breve como o de um anjo, no travesseir fresco de rosas e de glicinias, alguem dirá a teu lado na terra adormecida do cemiterio: Tão tarde, meu amor! E' essa a ultima saudade.

ARTUR PORTELA

Assinaturas de verão de «Diario de Lisboa»

O *Diario de Lisboa*, afim de facilitar aos leitores que nesta quadra se desloquem para praias e termas a sua leitura, resolveu criar assinaturas por pequenos periodos, nas seguintes condições:

Preços	10 dias........	Esc. 2$00
	20 »	» 4$00
	30 »	» 6$00

Os pedidos devem ser dirigidos á administração deste jornal, acompanhados da respectiva importancia em vale postal ou carta registada, com as necessarias instruções.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
S/Londres, cheque	2 1/8	2 7/64
» 90 dias	2 3/32	2 5/64
S/Paris	1$435	1$455
S/Berlim	0,02	0,04
S/Holanda	9$730	9$880
S/Madrid	3$505	3$560
S/Bruxelas	1$180	1$200
S/Roma	1$073	1$081
S/Suiça	4$405	4$435
S/Suecia	=	=
S/Noruega	=	=
S/Dinamarca	=	=
S/Nova-York	=	=
S/Brasil	=	24$850
Rio s/ Londres	5 7/16	=
Libra esterlina	115$000	117$000
Agio do ouro	2$300	2$400

PORQUÊ?

O escudo desapareceu e o Banco de Portugal não desconta letras

Fala-nos o sr. Vasco Borges

O sr. dr. Vasco Borges sustentou o seu corpo alto numa bengala de metro e meio e, com a mão livre, a uma esquina do Chiado, foi cumprimentando, correspondendo aos cumprimentos, dando sorrisos, gesticulando para a rua elegante que o tinha descoberto, e não lhe poupava a celebridade.

—Um assunto? — dissemos livremente ao parlamentar, ao antigo ministro, ao reformador do Teatro Nacional.

—A situação da praça! O desaparecimento do escudo.

—São demasiadamente graves numa esquina como esta, e sob tantas calorías atmosfericas.

— Não é bem assim. A situação da praça dá lugar a graves complicações.

— Algumas.

Vasco Borges estava no seu trigessimo cumprimento.

—Com efeito, o comercio e a industria podem encontrar-se em situação de não poderem satisfazer os seus compromissos, inclusivé, tornando-se para a segunda impossivel pagar aos seus operarios, o que não carece de maiores explicações para se compreender que seria muito grave.

Já familiarisados com o assunto, objectàmos:

—Mas qual a origem dum tal estado de cousas?

—Muito simplesmente a falta, ou antes, o desaparecimento do escudo. O comercio e a industria vivem, como é normal, em grande parte do credito que possuem. Assim, para fazerem face ás suas necessidades, descontam muitas vezes letras. Ora não só os bancos em geral recusam fazer descontos, mas tambem quando, por sua vez pretendem redescontar letras no Banco de Portugal, do mesmo modo este se recusa, alegando falta de escudos.

—Mas não é essa uma das funções do Banco do Estado, e tambem a função normal dos outros bancos?

—Sim, é. O Banco de Portugal, porém, ao que diz, não a exerce por falta de possibilidades ou por escrupulo legalista.

—A Caixa Geral dos Depositos?

—Segundo me consta, tem procurado acudir a isto, mas como só o faz na medida que lhe impõem circunstancias de varia ordem, inclusivé, a prudencia, e atravez de rateio, em muito pouco tem podido minorar as dificuldades.

—Quais são as causas do desaparecimento do escudo?

—Açambarcamento das notas de mil, e quinhentos escudos em parte resultante do modo como o Banco emissor as lançou no mercado, a realisação do ultimo emprestimo, etc. O que, porém, me leva a julgar o facto estranho e me convence de que ha nisto especulação, é a circunstancia absolutamente exacta de nunca aos bancos faltarem escudos para, por conta propria ou alheia, adquirirem todas as cambiais ou titulos-ouro cuja compra lhe oferecem.

O sr. dr. Vasco Borges tirou dum estojo de camurça, a sua boquilha de ambar, de um decimetro de comprimento e, entre duas fumaças largas, acentuou:

—Note que tambem não faz sentido a certeza da existencia de dezenas de milhões de escudos aferrolhados em Portugal e no estrangeiro, com a sua descida, pois tal facto alem de dever ocasionar, como já acentuei, uma maior procura, é indicador de haver confiança na alta d'esta moeda.

—E o remedio para o mal, só o vê no aumento da circulação fiduciaria que ha dias alvitrou na Camara?

—E' possivel que haja outros meios. Por exemplo: o curso forçado do cheque, a que antevejo muitos e graves inconvenientes, por não ter o acompanhamento de garantias necessario, ao passo que o aumento da circulação, nas condições em que o preconisei, teria as vantagens de ser remedio rapido.

—Mas isso daria uma queda ainda maior do escudo?

—Estou persuadido de que não. Em primeiro logar a crença de que a actual circulação fiduciaria é exagerada, representa em grande parte um preconceito. A verdade é que a desvalorisação da moeda em relação a 1914 e o extraordinario volume que os negocios entre nós ultimamente alcançaram, diminuem muitissimo a importancia da inflacção acusada; em segundo logar, como para esse augmento se constituiria a normal reserva ouro d'um terço, esta, d'acordo com as regras economicas, absolutamente lhe neutralisaria quaesquer efeitos nocivos.

—E como se constituia essa reserva?

—Pelo modo mais logico. Pois não são os bancos os principais interessados em obter a habilitação em escudos necessaria ao desempenho da sua função? Portanto, inclusivamente consorciando-se para esse efeito, eles forneceriam ao Banco de Portugal o ouro ou os titulos-ouro precisos para a constituição da reserva-ouro, recebendo em troca a habilitação em escudos. Quando já não necessitassem destes, restitui-los-iam ao Banco emissor, que os inutilisaria, recebendo em troca os seus valores ouro.

—Todos os Bancos possuem as reservas que a legislação bancaria exige para garantia dos depositantes e clientes?

—Receio muito que por aí haja Bancos que as não possuam, e isto pode ter consequencias muito graves. Ha quem suponha que até seria benefico que alguns desses Bancos se afundassem. Por mim, reputo-o perigosissimo, por não saber até onde poderia ir a cadeia de fusis e o panico que se estabelecessem. Como mais vale prevenir do que remediar, absolutamente isento de intuitos de perseguição ou vexame, penso que não deixava de ter oportunidade e conveniencia, uma indagação discreta á situação, a este respeito, desses estabelecimentos.

TAUROMAQUIA

Na Figueira da Foz

Realiza-se no proximo domingo a inauguração oficial da epoca no Coliseu Figueirense, com uma explendida corrida na qual serão lidados oito corpolentos touros, de ha muito apartados nas vastas manadas da Sociedade Agricola da Golegã, Limitada. No programa que foi organisado com verdadeiro criterio artistico, figura como cavaleiro, o nosso insigne José Casimiro, que na Figueira da Foz, gosa das gerais simpatias do publico, e como bandarilheiros além dos nossos melhores artistas de pé, dois distintos amadores, que teem nessa cidade grande cartel e como forcados um dos mais destimidos grupos de profissionais, do Campo Pequeno. Com tais elementos poderemos dizer desde já que o Coliseu Figueirense terá nessa tarde uma enchente certa.

UM BANQUETE

«Guitarra de Portugal»

No Restaurante Ferro de Engomar, realisou-se ontem, no meio de grande entusiasmo, o jantar comemorativo do interessante quinzenario «Guitarra de Portugal». Assistiram 140 convivas, vendo-se entre eles, varios publicistas, comerciantes, etc.

Os cantadores srs. Alberto Costa, Joaquim Brito, Fernando Teles, Sabino Isidoro dos Santos, Domingos Santos, Raul Miguel e Francisco Eloy e a sr.ª D. Maria do Carmo deliciaram a assistencia com lindos fados.

Pelos teatros

Teatro da Trindade

As obras do Teatro da Trindade, que transformarão por completo aquela casa de espectaculos, imprimindo-lhe um cunho de modernismo, estão muito adiantadas. O Trindade, teatro de gloriosas tradições, voltará na proxima época de inverno, mercê do esforço e do savoir faire do activo empresario José Loureiro, a proporcionar ao publico incomparaveis noite de arte. A inauguração realiza-se a 15 de Outubro com a companhia parisiense do Theatre Bataclan de que é primeira figura a notavel actriz Mistinguett

Atrás do reposteiro

Alves da Cunha interpretará durante a presente epoca no Politeama o «Kean» e o «Abade Constantino».

—Apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida o actor Joaquim Miranda que hoje parte para o Rio de Janeiro com a companhia Palmira Bastos.

—No Eldorado do Parque Mayer, continuam sendo muito aplaudidos o «Caballero Castillo», os «Jercolis» e a coupletista Carmencita Cruz. No primeiro sabado, estreia da bailarina hungara Malta da Hungria.

—A companhia de opereta Armando de Vasconcelos que está trabalhando com exito no teatro Sá da Bandeira do Porto, termina a sua temperada n'aquele teatro em 27 de agosto proximo.

—Está em Lisboa o distinto «costumier» portuense Joaquim Valverde.

—No teatro Maria Victoria repete-se esta noite em dois especteculos com todas as suas atracções a revista «Fado Corrido».

—A companhia Lucilia Simões-Erico Braga representará ainda esta temporada em S. Carlos a comedia «Amor a quanto obrigas».

—A'manhã sobe á scena no teatro S. Luiz a revista «Fado Corrido», interpretada por uma companhia diferente da que se está representando no teato Maria Vitória.

—No teatro Apolo deve estreiar-se ainda esta semana a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho representando «As Pupilas do Senhor Feitor».

—Faz-se amanhã «reprise» no Nacional da peça «20.000 dollars» que ha doze anos, no mesmo teatro, completou o bonito numero de duzentas representações.

—Na proxima terça-feira sóbe á scena no teatro de S. Carlos a comedia de Pinero «Casa em Ordem». Hoje repete-se a «Carta anonima», em recita da moda.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,30 — «Carta anonima».
Nacional — Não ha espectaculo.
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — A's 21 — «A Garra».
Avenida — A's 21-15 — «Bichinha gata».
Apolo - Não ha espectaculo.
Maria Vitoria — A's 20,45 e 22,45 — «Fado corrido».
Eden — Não ha espectaculo.
Eldorado — A's 21 — Variedades.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente — A's 21 — «D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

ASILO DE SANTA CATARINA

Uma festa de beneficencia

Decorreu no meio do maior entusiasmo a festa de beneficencia que se realisou no Asilo de Santa Catarina a favor dos orfãos desvalidos da freguesia, levada a efeito por uma comissão de ex-alunos do referido Asilo.

Subiram á scena as comedias em um acto «A mentira», «O marquês de Camarate» e «A ordem é resonar».

A amadora sr.ª D. Narcisa Pereira, com muita graciosidade e encanto, desempenhou o papel que lhe estava confiado com muito brilho. D. Carolina Ferreira representou com muita consciencia o seu papel. A sr.ª D. Lucilia da Conceição, como amadora que pisa o palco pela primeira vez, não foi mal. Os amadores srs. Joaquim de Carvalho, João Maria Barreiros, José de Mascarenhas e João Gomes Casaca portaram-se como artistas, merecendo elogios. Souberam fazer rir com graça. O ensaiador sr. Eurico Cardoso revelou qualidades de distinto amador que é.

Terminado o espectaculo, dançou-se até de madrugada com verdadeiro entusiasmo. Durante os intervalos um grupo de alunos, vestidos á moda do Minho e de capa e batina, fizeram a venda do cravo. O director do Asilo sr. José Valentim recebeu felicitações de muitas pessoas que assistiram á festa e visitaram as esplendidas dependencias do Asilo.

POLITEAMA
HOJE
A GARRA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

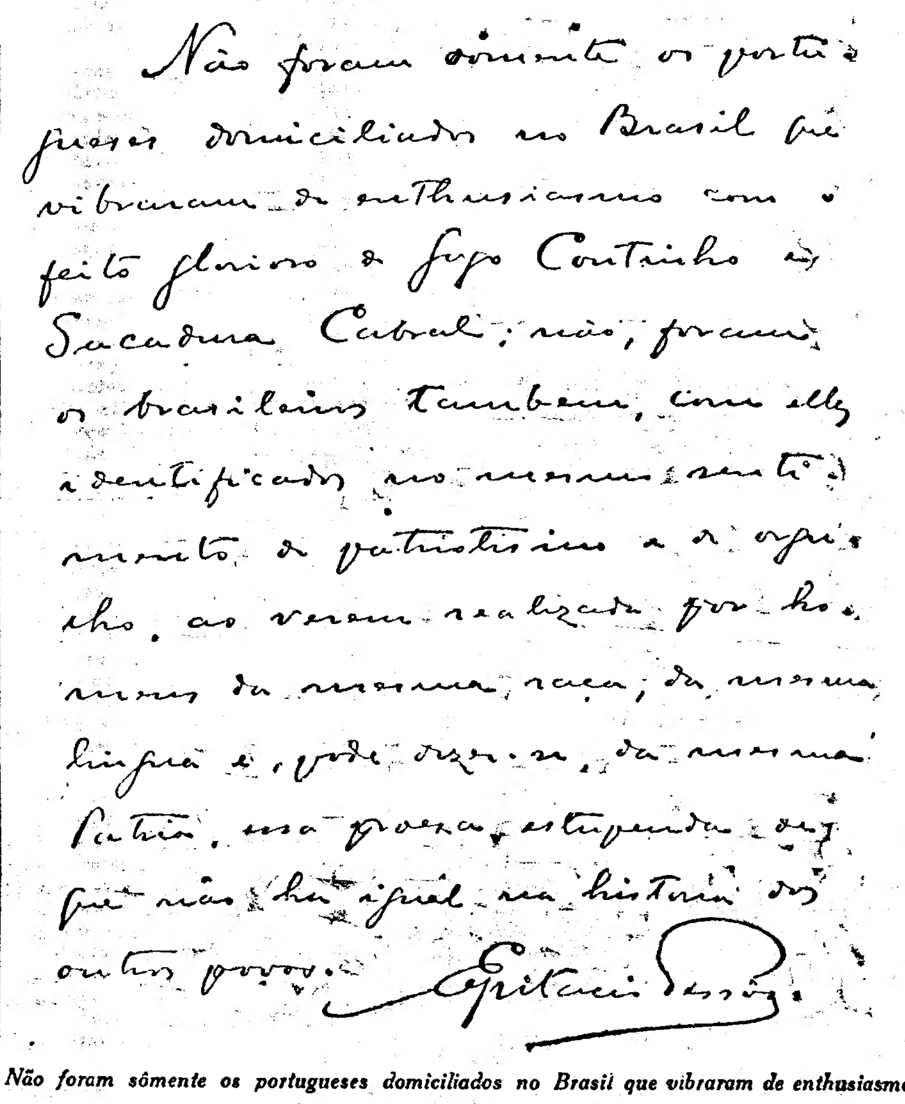
UM AMIGO DE PORTUGAL

Epitacio Pessôa

o presidente da grande Republica Brasileira

que recebeu os aviadores portugueses

é entrevistado por um redactor do "Diario de Lisboa,,



Não foram sômente os portugueses domiciliados no Brasil que vibraram de enthusiasmo com o feito glorioso de Gago Coutinho e Sacadura Cabral; não, foram os brasileiros tambem, com eles identificados no mesmo sentimento de patriotismo e de orgulho, ao verem realizada por homens da mesma raça, da mesma lingua e, pode dizer-se, da mesma Patria, essa proesa estupenda de que não ha igual na historia dos outros povos.

Epitacio Pessoa

As entrevistas a bordo—talvez seja isto, apenas, pura imaginação do jornalista—parecem revestir sempre mais sinceridade. E' o vento do mar, é o balouçar das aguas, o rir da espuma, o vôo das gaivotas, o ferver das caldeiras dos vapores, é a natureza toda a lembrar ao homem, escravo, eterno escravo das conveniencias, que pode ser livre, que pode ser forte, que pode ser sincero.

O *Lutetia* é já um barco conhecido. Ha anos visitámo-lo. Ia carregado, então, de foragidos do bolchevismo russo—homens, mulheres, creanças—descalços, rotos, esfomiados, —almas para um romance de Dostoiewski.

Outro dia percorremos o seu convez de primeira á cata de Gabrielle Dorsiat—a actriz francesa, modernamente, com mais Henri Bataille nos nervos...

Hoje, seis horas da manhã, despertavam ainda preguiçosamente as colinas da Outra Banda e as mastreações dos navios no cais, o *Lutetia*, atracado longe, voltou a receber-nos—vinha a bordo uma figura eminente da politica brazileira, ex-Presidente da Republica, um grande amigo de Portugal.

Tipo nobre de verdadeiro democrata, democrata duma Democracia que tem sabido impôr-se magnificamente ao Mundo, o dr. Epitacio Pessoa foi quem recebeu, no Rio de Janeiro, os nossos aviadores, como supremo magistrado do Brasil.

Todos se recordam, não é assim? Para que lembrar aqui essa pagina, se ela é de ontem, a não sêr para que se exalte, como deve e merece sêr exaltada, a figura, por tantos titulos notavel, do dr. Epitacio Pessoa?

Em repouso dum ano pela Europa, que ele resolveu percorrer terminado o seu mandato presidêncial, o ex-presidente da republica do Brasil volta de novo à sua terra, onde a sua inteligencia e as suas grandes faculdades de trabalho de certo lhe irão proporcionar novos e assinalados triunfos.

Epitacio Pessoa, durante o curto espaço de quatro anos que habitou no palacio de Catête, o palacio presidencial do Rio, procedeu como um verdadeiro estadista. A ele deve o Brasil grande parte do seu engrandecimento interno—e graças à sua fina tactica de diplomata habilissimo, as relações externas consolidaram-se e engrandeceram-se merecendo hoje a republica brasileira o respeito e o carinho de todos os povos.

Impossivel, em meia duzia de linhas, escriptas a todo o pano, que o jornalismo não admite demóras, para que possa acompanhar, sem a minima quebra, o vôo dos acontecimentos, fixar, duma maneira absoluta, todo o valor de tão insigne personalidade.

Encarregar-se-ha disso o tempo, e a pena, mais vagarosa do que a nossa, dos historiadores positivos.

A nós, neste momento, uma coisa compete: subir ao «Lutetia» preguntar pelo grande brazileiro, apresentar-lhe as boas vindas,... e entrevistal-o.

* * *

O «Lutetia», como todos os grandes barcos, é um mundo, um mundo ambulante, onde os passageiros parecem ser sempre os mesmos, sendo sempre differentes. As viagens imprimem a todas as pessoas que viajam uma personalidade identica—feita de anciedades e saudades—anciedades do que está para vir, saudades do que se deixou.

O seu convês estava triste esta manhã. Eram 6 horas, ainda havia quem dormisse nos camarotes, quem não soubesse—porque não eram, com certesa, portugueses—que o «Lutetia» entrára em aguas de Portugal. Como não havia uma unica mulher—estava deserto. E se as mulheres em toda a parte são precisas, no convês dos navios são indispensaveis—pois não ha já sereias no mar...

O dr. Epitacio Pessoa havia-se levantado cêdo, havia tomado já, na sala de jantar, o seu *petit-dejenner*—o seu chocolate e torradas.

Demos umas passadas, ao acaso, pelo convéz do navio. E a primeira mulher surgiu, uma mulher oxigenada, feita de civilisações decadentes, um inevitavel Claude Farrére na mão. Depois outra e outra. O *Lutetia* começava a viver, e o vento fresco que soprava... falava da felicidade!

E o dr. Epitacio Pessoa? Ele aí vem, cabelo e bigode ruços, olhando, com enternecido amor, o sol de Portugal.

Não eramos os primeiros a falar-lhe. As suas primeiras palavras deram-no-lo a entender.

—Oh! a doce tirania dos fotografos e dos jornalistas!

—Não se é impunemente notavel, sr. doutor.

—Notavel? Neste momento sinto-me o mais modesto dos brasileiros, em vilegiatura—já com muitas saudades do Brasil.

—Que tenciona fazer logo que chegue á sua terra?

— Não tenciono fazer nada.

— A politica é exigente...

— Eu não sou politico. Não tenho geito nenhum para isso...

O dr. Epitacio Pessoa, enquanto falava, vagarosamente, ia olhando ao longe, e ao largo, como que a sentir em tudo, a nossa alma, a alma que ele, no Brasil, saudou...

— A sua impressão, sr. dr.?

— Delicosa. Portugal é uma linda terra—destinada a trazer-se no coração. E' das que nunca se esquecem — nunca!

— E' a segunda vez que aqui passa?

— Sim. Ha anos ía a caminho do Brasil quando soube que tinha sido eleito!

E o dr. Epitacio Pessoa tem um sorriso de modestia — um encantador sorriso de modestia, que mais conseguiu realçar, aos nossos olhos, o grande poder da sua simpatia. Porque o ex-presidente da Republica do Brasil é das figuras mais simpaticas que conhecemos.

O protocolo oficial, necessariamente frio, teve que se render á sua sinceridade. Quando o dr. Antonio José d'Almeida foi ao Brasil, Epitacio Pessôa foi esperal-o a bórdo. Outro qualquer, protocolamente, teria esperado pelo presidente português no belo palacio presidencial de Catête. Epitacio Pessôa, não. Isto significa, na verdade, a nobreza de sentimentos, que nascendo para ser livre, não admitem barreiras que os prendam.

Recordavamos este facto—e lembrámos-lh'o. Epitacio Pessôa teve, então, palavras da maior admiração para o nosso Presidente, para os nossos Aviacôres:

—A minha estada na Presidencia foi, decerto, bafejada por bons espiritos. Tive momentos de grande, de imorredouro prazer! Um d'eles, assistir, como Magistrado Supremo do meu Pais, á chegada dos grandes aviadôres. E' uma das grandes alegrias da minha vida!

Epitacio Pessôa falava, acentuando bem as palavras, como que a impregnal-as de comoção. O convés do *Lutetia*—de repente e como que por milagre, — havia-se povoado, era um grande *boulevard* duma capital populosa e civilisada, por ventura Paris, a capital mais deliciosamente doidivanas do mundo...

Não tardaria que o *America* chegasse, trazendo a bórdo a comitiva portuguêsa—o protocolo português—de que nós, jornalistas, haviamos sido uma especie louca de arautos... Era nossa vontade ouvir da boca do ex-presidente opinião positiva sobre a politica do Brasil. O dr. Epitacio Pessôa desculpou-se:

—Como vê, tenho estado longe do meu Pais. O que menos me tem preocupado ultimamente é a politica. Vim para a Europa descançar.

—E agora volta para trabalhar? — insistimos.

—Talvês pare descançar das viagens feitas...

E, realmente, talvês seja assim, talvês o dr. Epitacio Pessoa não saiba bem, ao certo, o que o espera no seu Brasil, para maior brilho do seu nome.

A vida dos politicos é, como todas as vidas, talhada, tambem, pelo destino.

No fundo de si mesmo ha uma certesa, uma certesa que a sua natural modestia impediu que fosse confessada: a de que o seu País o espera confiante. Para alem disto, o misterio, o imprevisto—o que as circunstancias determinarem.

— Um dia só em Portugal?

— Hei-de cá vir com demora—para o ficar conhecendo bem, tão bem como conheço a sua alma—a sua alma qne é tambem a nossa. Somos dois corpos—Portugal e Brasil—com um unico coração. Por isso se teem desenvolvido as alianças entre as duas nações, impostas pelas conveniencias politicas, sim, mas tambem pelas grandes afinidades espirituais. E são estas que dão valor, consistencia, perpetuidade, ás primeiras.

Conversavamos há perto de meia hora, bebendo o ar que fazia agitar as bandeiras do *Lutetia*, e levava para longe, talvez para o Brasil, para o Brasil moço e irmão, a ardencia dos nossos sonhos...

O convez estava cheio de gente, gente que os camarotes haviam despejado. Chegavam botes trazendo mais gente da terra. Apetecia muito largar—largar para sentir saudades...

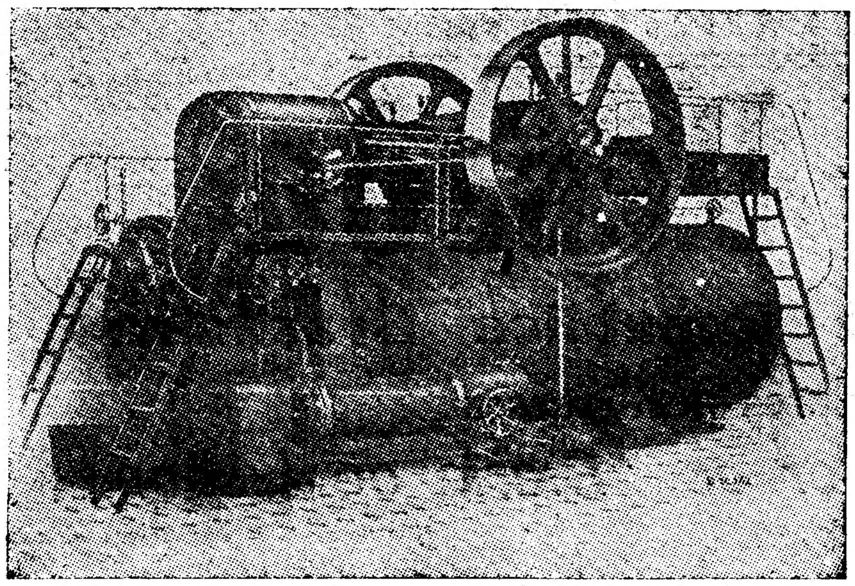
Mais duas frases trocadas com o ex-presidente. Mais um sorriso para o Brasil—mais outro para Portugal.

Tão sincero, tão comovido pela alma da nossa terra, quiz-nos parecer que Epitacio Pessoa—era, na verdade, português!

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas **LANZ**

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

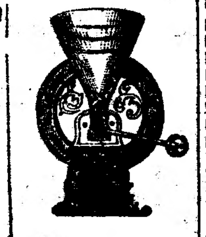
CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

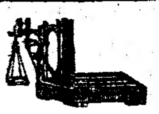
MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO





SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B.—Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

---

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

ESCOLA DE CINEMATOGRAFIA

anexa aos laboratorios da STUDIO-FILM LISBOA

Dirigida pelo actor cinematografico

CARLOS MACHADO
(COM GARANTIA DE CONTRACTO)

RUA IVENS, 26, 3.º
(das 12 ás 17 horas)

A ACTIVA

RAMO COMERCIAL
Secção de apestos maritimos

APRESTOS para armações, vapores de pesca, barcos de recreio e comercio
CABOS DE ARAME DE AÇO, MANILA, LINHO, PITA, CAIRO
LONAS de linho, COTÕES, BRINS, FILELE, bandeiras e mariatos

CORRENTES de ferro pretas e CALIBRADAS, Ancoras, Gatas e Fateixas Remos de faia e pinho, Alcatrão, Breu louro e preto, agua-raz, Coaltar, folhas de metal e prego para forro de navios, Archotes, Linhas para sondas e pesca em fibra e arame de aço

Encerados, Toldos, Barracas, Fatos, capas, suestes de oleado, Tintas para fundo de navios, alvaiades, vernizes, Tintas em massa e de esmalte marca NIPON, Motores maritimos e industriais WOLVERINE

R. 24 de Julho, 8--LISBOA
Telefones: C. 1601 e C. 3474
Telegramas: Activa-LISBOA

Vinho Colares
V. S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, é o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro
Pedidos a D. J. Silva L.tda
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.º 1711

MELINA
O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.ª, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

Não peçam qualquer refresco antes de provar a carapinhada de cacau

S. I. C.

A' venda em todas as confeitarias e leitarias.

Alda Felix Meira Fernandes
FALECEU
R. I. P.

Bernardino Pinheiro, Lda, participam a todos os seus amigos que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença D. Alda Felix Meira Fernandes, extremosa esposa do seu socio e amigo Mariano Fernandes e que o funeral se realiza, ámanhã, 1 de Agosto, ás 11 horas, saindo da Casa da Misericordia para o cemiterio do Alto de S. João.

Desde já muito agradecemos a todas as pessoas que honrem este acto com a sua presença, não se fazendo convites especiais pelo estado de consternação em que a familia se encontra.

Alda Felix Meira Fernandes
FALECEU
R. I. P.

Mariano Fernandes e suas filhas, Maria da Anunciação Felix Meira e sua filha, Diniz Felix Meira e sua mulher, Emilia Varela Aurora Peres e seu marido, participam a todos os seus parentes e amigos que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença sua extremosa mulher e mãe, nora e cunhada e que o funeral se realiza ámanhã, 1 de Agosto, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da Casa da Misericordia para o cemiterio do Alto de S. João, sendo o acompanhamento de trem e a pé.

CHAPEUS DE PALHA

Lavam-se. Ficam como novos. Travessa da Fabrica das Sedas, 15, 2.º

MARIÁTE

Compra-se um de meio pano que esteja em bom estado

RUA DO OURO, 24-2.º

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Serviços Tecnicos

Admissão de bobinador

Admite-se um bobinador para serviço permanente nas oficinas desta Companhia.

Para tratar na Repartição dos Serviços Tecnicos na estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 26 de Julho de 1923.

O Director Geral da Companhia,
(a) *Ferreira de Mesquita.*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO **ESTRANGEIRO** DAS 5 PARTES DO MUNDO

AS REPARAÇÕES

A Italia

está de acordo com o governo inglês

a resposta francesa tem doze paginas

PA.u 31

A resposta francesa á nota britanica acompanhando o projecto de contra-proposta a enviar á Alemanha sobre o problema das reparações, contem 12 paginas, e a resposta belga metade deste numero.

O governo francês está muito reconhecido á lealdade do governo belga, o qual até á ultima hora introduziu varias modificações na sua resposta, a pedido do sr. Poincaré, que é esperado esta noite em Paris.

Telegramas de Roma dizem que o sr. Mussolini enviou ontem a sua resposta a Lord Curzon.

A resposta do Primeiro Ministro Italiano aceita, duma forma geral, as sugestões britanicas, mas insiste na necessidade de considerar as reparações e a dividas inter-aliadas como um unico problema. — (L.)

A opressão

nos territorios ocupados

BERLIM, 31

O Presidente do «Reich» publicou um manifesto protestando contra a continuação da apressão nos territrios ccupados e convidando os cidadãos a prosseguirem no seu sacrificio quotidiano, procurando sempre a manutenção da paz e da ordem internas.

Nos circulos franceses é largamente comentado este manifesto que apresenta as intenções dos alemães relativamente á sua politica de resistencia passiva.

As autoridades francesas expulsaram o director e os empregados da filial do Reichsbank em Dortmund.

No domicilio dum membro duma associação secreta, em Colonia, foram apreendidos 250 quilos de dinamite. — (E.)

Lord Curzon

continua a estudar...

LONDRES, 31

Lord Curzon tem continuado a estudar as replicas do governo francês e belga ás notas inglesas sobre reparações que lhe foram entregues na segunda feira á tarde. — (R.)

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Cuintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO UQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

TEATRO AVENIDA
HOJE E SEMPRE
A mais bela revista
BICHINHA GATA
A'manhã:
Uma linda bailarina
NIEVES MIMOSA

EDEN TEATRO
= Empresa Teatral Campos & Correia, Limitada =
ESTA SEMANA
Espectaculos de sensação — Os melhores espectaculos de
VARIEDADES
Unicos em Lisboa — Soberbos programas
PREÇOS POPULARES
Espectaculo permanente — Todas as noites

O POETA REPUBLICANO

UNAMUNO

ESCREVE sobre Guerra Junqueiro

Um artigo do jornal "El Liberal,,

Do «El Liberal», de Madrid, de 12 do corrente, transcrevemos o seguinte artigo do notavel catedratico e escritor Miguel de Unamuno:

A morte do que foi o meu querido amigo Guerra Junqueiro, o grande poeta iberico, ao passo que me despertou a lembrança e a magua da morte de outro amigo, e tambem grande poeta iberico, Maragall, trouxe-me á flôr da memoria o copioso ramalhete de anecdotas, agudesas e profecias que lhe ouvi em nossas conversas. Espero recolhê-las e comentá-las; mas, entretanto, quero aqui contar um episodio de que fui testemunha num dos maiores momentos historicos de Portugal—quando o Buiça assassinou o rei D. Carlos.

Poucos dias antes deste incidente tragico tinham chegado a esta cidade de Salamanca, pressentindo já a borrasca que se ia erguer na sua patria, Guerra Junqueiro, Alpoim, o politico, e outros portugueses. Com os dois ultimos tratava eu diariamente.

Alpoim tinha sido ministro da Justiça com D. Carlos—se é que no governo deste rei houve alguma vez justiça—e, ocupava na politica portuguesa um posto analogo ao que em a nossa politica ocupou Canalejas, ou ao que hoje ocupa Melquiades Alvarez. Era uma especie de reformista, com um pé na Republica e outro na Monarquia. Por então conspirava contra João Franco, cuja vida, dizia ele, perichitava. E veiu a Hespanha a marchas forçadas de automovel, fugido á ditadura de João Franco, de quem me profetisou que não voltaria vivo a Portugal, onde afinal ainda hoje vive.

Encontravamo-nos juntos, Alpoim e eu, na monumental Plaza Mayor desta cidade de Salamanca, quando nos deram a noticia da morte do rei de Portugal. Não me pareceu surpreendido, nem me parece que ela lhe tivesse feito grande impressão, ainda que, a que ele esperava, era a de João Franco, pelas conhecidas razões de Estado. Daí a pouco cruzámo-nos com outro português, a quem Alpoim disse: «Olha, já morreu o canalha!» E era seu ex-ministro! Fiquei gelado.

Fomos d'ali ao hotel Comercio, onde na sala de visitas nos esperava Guerra Junqueiro. Comentámos o caso. O poeta e eu estavamos sentados; o corpulento politico passeava na sala com o ar de um elefante preocupado. Junqueiro, o autor da «Patria», acaso o seu melhor poema, formidavel livro profetico e apocaliptico que a muitos respeitos é qualquer coisa assim como «Les Chatiments», de Victor Hugo,—posto que muito superior—Junqueiro dizia-nos: «Se houvesse dependido a morte do rei de que eu sósinho, no meu quarto, movesse apenas este dedo meiminho, não o teria feito: nem pela morte do rei, nem pela de um Caim, nem pela de um Judas; mas emfim, mataram-no, bem morto está!» Alpoim e eu, não diziamos palavra. Guerra, tomando-nos como de costume por auditorio, recitava o seu evangelho tolstoiano.

De repente, Alpoim parou e disse: «Sabem? Vou mandar um telegrama de pesames e condolencias á rainha.» Os olhos do poeta, olhos de aguia, chisparam. E disse: «Não, não faça tal: não pode fazê-lo, não deve fazê-lo... nem que deveras sinta a morte do que foi seu rei e seu amo. Não, não faça tal!» Alpoim vacilou um momento; até que, murmurando qualquer coisa—em português, claro, como toda a conversa—que equivalia ao nosso «no quitá lo cortés a lo valiente», saiu a pôr o telegrama. E ao sair Alpoim, o politico, Guerra, o poeta, indicando-o com o dedo, disse-me, ou melhor, silvou: «Vê o ali? Politico... bandido!» E acrescentou: «Quando voltar a Lisboa, verá que a primeira coisa que faz é ir ver a rainha.» E assim foi; apenas a recepção que esta lhe fez, contam que foi a que ele merecia.

Quando Alpoim tornou para junto de nós, falou-se do defunto, e Guerra pediu-lhe que me contasse certa scena que, sendo aquele ministro da Justiça, teve com a rainha D. Amelia, maguada com certo soneto satirico e indecente que contra ela circulou no Palacio, soneto que se apurou ser do rei, que dizia «O soneto não é uma obra de arte, mas é engraçado». Foi assim, pelo menos, que nos contou o caso aquele ex-ministro do rei D. Carlos, aquele politico, bandido de marca, no dizer do poeta.

Este, que foi quem mais contribuiu para matar a realeza, o profeta vingador, não quís nunca ocupar cargos propriamente politicos. Ainda que vivia no meio daquele temporal desfeito, no meio das ondas agitadas, na historia, emfim, sabia desaparecer, como um submarino, nas calmas profundidades do oceano, e elevar-se, como um aeroplano, sobre as nuvens da tempestade.

E é que foi um poeta republicano e nunca um republicano poeta. Antes de tudo e sobre tudo, foi um poeta, e o resto .. por demais. O que se não pode ser por demais é poeta. E na obra revolucionaria portuguesa a parte do poeta será mais duradoira do que a de todos os politicos.

COUPONS
da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRAZILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, etc., etc.
VENCIDOS E A VENCER
COMPRA
PANCADA, MORAES & C.ª — R. Augusta, 37 (esquina R. S. Julião)

DA ALEMANHA

O poder

será entregue ao industrial Stinnes?

O ministerio Cuno está prestes a caír

BERLIM, 31

Nos circulos bem informados espera-se que o ministerio Cuno se demita muito brevemente.

Corre insistentemente que o grande industrial Stinnes, apoiado pelo partido popular, assumirá imediatamente o poder, logo que se dê a queda do gabinete Cuno. —(F.)

Em Berlim

não ha que comer!

BERLIM, 31

Continua a haver falta de viveres nesta cidade e no resto da Alemanha. Muitos mercados desta cidade não abriram ontem, devido á falta de generos, e noutros mercados os generos, sobretudo carnes e legumes, atingiram preços fabulosos, regulando entre 50 e 100 % dos preços da semana anterior.—(R.)

A politica

continua a activar-se...

BERLIM, 31

A imprensa, nos ultimos dias, tem aconselhado a vantagem de se reforçar o governo de coligação com a cooperação dos socialistas que, contrariamente á sua primitiva atitude, estão agora desejosos de cooperar com o governo, atendendo á dificil situação ultimamente creada pela brusca subida dos preços, devido á queda do marco.—(R.)

Os separatistas

continuam a manifestar-se

BERLIM, 31

As manifestações separatistas em Coblentz no domingo foram pouco concorridas. Os proprios jornais franceses reconheceram que apenas 3:000 pessoas tomaram parte nessas demonstrações.—(R.)

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

A mais sensacional peça que tem aparecido
20.000 dollars
A'manhã no
NACIONAL
200 representações já realisadas neste teatro
Exito como não ha memoria

AVENIDA PARQUE
Antigo Parque Mayer (á rua do Salitre)
Das 6 da tarde até á 1 da madrugada VARIADISSIMAS DIVERSÕES — Alegres concertos de «Jazz-Band» — Magnifica explanada — Explendido serviço de refrescos — Teatros: Maria Victoria, com a revista «Fado Corrido»; Eldorado, com variedades — Glissagem e tombola de animais
O recinto mais agradavel e animado de Lisboa
Entrada: 1 escudo — As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiro e familias têm
ENTRADA GRATUITA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

MORTES TRAGICAS

6 CADAVERES

surgem

á borda do rio Tejo

e ali estiveram toda a manhã

As mortes são como os crimes e as cerejas. Nunca vem uma só.

Esta manhã, á beira do Tejo, seis corpos, estendidos sobre a areia, o corpo envolto em serapilheira por mãos piedosas, aguardavam, depois de passarem anos e anos de vida á espera de uma hora de felicidade, que o sub-delegado de saude, suas lunetas sobre o nariz afilado, viesse fazer a visita da praxe, e remetê-lo sobre quatro taboas para as salas humidas da Morgue.

Quando surgimos na rampa do gaz, depois de termos atravessado a Ribeira Nova, grupos de varinas novas e buliçosas faziam a guarda de honra a dois dos cadaveres.

O primeiro, calças grossas de maritimo ,cabelo revolto, está mesmo junto á agua, no cais. Quem é? Responde-nos a sua cedula maritima e a policia. Chama-se José Antonio Gonçalves, tem o n.º 1349 de inscrição; é filho de Antonio Lourenço e de Maria Baptista; nasceu em Moncarapacho e tinha 38 anos de idade. Morreu num barco de pesca, o «Algarvio» (como lhe chamam as varinas que o rodeiam) com uma dôr. E atiraram-no para a rampa.

—E os outros? Quem são os outros?

O segundo está mais adiante, mais distante do mar. Quem é? O seu rosto amarelo, o seu cabelo descuidado, as mãos anemicas, não nos elucidam sobre a sua identidade. Mas alguem — dessas vozes que surgem sempre, sem se saber como — explicou:

—Este homem era guarda fiscal. Foi expulso em 19 , por causa duma questão de contrabando de tabacos. Agora andava aí na Ribeira, sem ter que comer nem onde o ganhar.

Uma mulherzita, a fronte cavada pelas rugas, o corpo coberto de andrajos, dizia para o grupo:

—De que é que ele morreu? Ora! Mal empregado tempo que levam a preguntar. Morreu do que morrem tantos para aí... Morreu de fome...

E as rugas cavaram-se-lhe mais na fronte palida...

Um guarda fiscal, boa cara, não se admira das mortes:

—Eles coitados, andam para aí como cães vadios. Passam dias e dias sem comer. No inverno ficam ao ar livre, enregelados pelo frio, sem agasalhos. No verão, a falta de comida, põem-se á torreira do sol. Dá-lhes uma dôr — e zás...

* * *

—E os outros quatro corpos? De quem são?

Só Deus o sabe. A serapilheira que os envolve é toda igual. E mesmo que nos mostrassem os rostos, não os conheciamos. Não os conheceria ninguem. São anonimos.

E' assim o fim inglorio dos forçados das vielas e das docas, que, como cães sem dono, andam a mendigar uns ossos para rilhar, sempre na incerteza do dia seguinte, os olhos brilhantes e as faces palidas da fome e da febre, os dedos de famintos crispados como garras sobre a primeira migalha caida das mesas onde ha vinho e onde ha pão...

OS ATENTADOS DINAMITISTAS

Presos postos em liberdade

Foram hoje postos em liberdade Bernardino Fernandes da Fonseca e José Sanches Fernandes, por se ter provado que nada teem com os ultimos atentados dinamitistas.

Hoje foram presos José Jorge, Joaquim Augusto Bettencourt Ataide e Sebastião Graça, todos implicados em atentados dinamitistas, principalmente o Ataide que é muito conhecido como um dos mais perigosos á sociedade, pois que ha tempos, conforme noticiamos, a policia apreendeu em sua casa, na rua do Salvador, um caixote com bombas, e que fazia parte da quadrilha do *Bela-Khun*.

O Graça é um dos individuos que tomou parte no atentado que foi vitima o sr. dr. Pedro de Matos.

"DUAS PATRIAS„

O almoço

EM HONRA DE EPITACIO PESSOA

O brinde do ex-chefe de Estado e a viagem de circumnavegação

Teve um grande cunho de distinção e de sobriedade o almoço oficial oferecido hoje pelo Presidente da Republica a s. ex.ª o sr. dr. Epitacio Pessoa, ex Presidente da Republica Brasileira, e que se efectuou no Palacio da Ajuda, tendo sido utilisada uma das alas do monumental paço que foi da excelsa rainha D. Maria Pia de Saboia, e um dos mais carinhosos museus de arte de toda a Europa realenga.

O sr. dr. Epitacio Pessoa chegou ao palacio cêrca das 13,30, e foi recebido pelo sr. Presidente do Ministerio e Ministro dos Estrangeiros, fazendo as honras do Palacio, com rara gentileza e distinção natural, «madame» Domingos Pereira. Os chefes de protocolo, sr. Barreto da Cruz, da Presidencia da Republica e o sr. Costa Carneiro, do Ministerio dos Estrangeiros, assistiram ao cerimonial.

Cá fóra, um batalhão da Guarda Republicana, com banda e de grande uniforme, fazia a continencia de honra, tomando os pateos e atrios interiores.

Antes do almoço realisou-se a entrega da gran-cruz de Cristo a Madame Mary Epitacio Pessoa, cujas insignias lhe foram impostas pelo Chefe do Governo e por Madame Domingos Pereira. A cruz de Cristo, que graciosamente Madame Pessoa acariciou e beijou, é de autenticos rubis e diamantes.

O almoço começou em seguida. O Sr. Antonio Maria da Silva, que representava o Sr. Dr. Antonio José de Almeida tinha á sua direita Madame Pessoa e à esquerda a ilustre Embaixatriz do Brasil Madame Cardoso de Oliveira. Em frente do Chefe do Governo sentava-se a esposa do Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, Madame Domingos Pereira, que tinha à direita o ex-chefe da Nação Brasileira, e à esquerda o Sr. Dr. Cardoso de Oliveira, Embaixador do Brasil. Ainda em lugares de honra os Presidentes do Senado e dos Deputados, Sr. general Correia Barreto e Alberto Vidal, e esposas. Indistintamente: além dos Embaixadores do Brasil, os Srs. Dr. Lafayete de Carvalho da Silva, primeiro secretario da Embaixada, e esposa Dr. Macedo Soares e esposa, Dr. Arlindo Correia Leite, Dr. Holanda, Consul do Brasil em exercicio, Hipolito Santos, Rego Barros e esposa, Teixeira Machado, membros da comissão de recepção da colonia brasileira.

As gentilissimas duas filhas do dr. Epitacio Pessoa, as quatro filhas do dr. Cardoso de Oliveira, as duas filhas do sr. Antonio Maria da Silva, Ministro das Colonias, Rodrigues Gaspar e esposa, dr. Rocha Soraiva, Ministro do Trabalho, dr. Abranches Ferrão, Ministro da Justiça, dr. João Camoesas, Ministro da Instrucção, Fontoura da Costa, Ministro da Agricultura, Almirante Neupart, General Bernardo Faria, dr. Lisboa de Lima e esposa, Commandante Athias, Secretario Geral da Presidencia, General Vieira da Rocha, Major General da Armada, capitão de Mar e Guerra Guilherme Pinto Basto e esposa, General Roberto Baptista, dr. João de Barros, dr. Jaime Cortezão, General Aragão e Brito e esposa, Barreto da Cruz, Madame Gomes Ribeiro, Mademoiselle Gomes Ribeiro, José da Costa Carneiro e esposa, tenente de marinha Artur Porleta e esposa, dr. Custodio José Pereira, Inspector dos Palacios Nacionais, Avelino de Almeida, Luiz Derouet, Acurcio Pereira, Alcantara Carreira, Norberto de Araujo, Armando Porfirio, administrador do Palacio da Ajuda, comandante da Guarda Republicana do Paço e seus subalternos.

A' altura do «toast», o sr. Presidente do Ministerio, falando em nome do sr. dr. Antonio José de Almeida—que, como se sabe, está em convalesça no Gerez—saudou em calorosas palavras o eminente brazileiro que estava de passagem em Lisboa, e recordou, a proposito, a hospitalidade prestada no Brazil ao Chefe da nação portuguesa.

—Porque o sr. dr. Epitacio Pessoa é um dos brazileiros mais ilustres e um dos mais gloriosos Chefes de Estado que o Brazil tem tido, nele saudemos a grande nação de além mar.

Levanta-se para falar o sr. dr. Epitacio Pessoa. O eminente brasileiro não lê: recita. Improvisa. Declama. O ex-presidente, que é um belo orador, frio mas vernaculo, impressionante sem ser retorico, em todo o caso emocionante, principia por dizer que o encheram de orgulho as palavras do sr. Antonio Maria da Silva. Ele vê nas palavras que lhe foram dirigidas apenas «a expressão cavalheiresca de uma grande fidalguia pessoal» e dessas palavras recolhe a satisfação intima de as saber pronunciadas por um «homem de Estado de notavel envergadura».

—Sr. Presidente! A amizade do Brazil e de Portugal não nasceu de nenhuma convenção internacional, não obedece a nenhuma especie de interesse politico ou de coação. Ela é desinteressada, a mais pura e carinhosa amizade que pode ligar duas nações no globo. E que duas nações! Dois povos ligados pela beleza da mesma raça, pela beleza da mesma lingua, pela beleza da mesma historia, e presos aos mesmos comuns interesses materiais, intelectuais e morais. Portugal não representa para o Brazil uma Nação como outra qualquer.

E sempre num sobrio tom declamativo e vibrante:

— Portugal foi o nosso colaborador, o nosso orientador, aquele que nos ajudou na nossa independencia e nos defendeu da alheia cubiça. Portugal é o amigo mais dedicado, solidario dos nossos revezes e dos nossos triunfos, o que comparticipa de longe e de perto, pela sua colonia como não ha outra, das nossas ilusões e das nossas aspirações, que comnosco resa as mesmas preces e levanta os mesmos hinos á democracia e á liberdade.

Precisamente quando nós saudavamos a Independencia, e nós esperavamos Portugal como não esperavamos nenhum outro povo, Portugal nos mandou dois «varões assinalados», esses dois aviadores gloriosissimos, iguais aos portugueses que descobriram a India e o Brazil, esses dois aviadores extraordinarios, que se não pertencem mas pertencem á Raça, aviadores predestinados «que eu espero ver realisarem a viagem de circumnavegação aerea, *de colaboração com brazileiros*», e estreitamente ligados ás glorias presentes e futuras do Brazil, que os estremece.

—Depois dos aviadores, Portugal enviou ao Brasil o seu primeiro magistrado, o mais eminente paladino do direito e da liberdade dos povos. o mais entusiastico representante das qualidades fidalgas e romanticas da sua Patria. Rendo homenagem a esse português, tão cheio das virtudes do seu país, a esse homem que levou Portugal no coração e o trouxe para cá outra vez, pela quantidade de sentimento que despertou na alma de todos os seus compatriotas e brasileiros, que o ouviram e acarinharam.

E rematando, num proposito manifesto de vincar um pensamento predominante:

—A amisade entre Portugal e Brasil não tem raizes nem fundamentos convencionais. O culto de um país pelo outro, o culto do Brasil por Portugal, vem-nos inspirado do coração, está no sangue, está no orgulho, está na nossa propria sêde de progresso — e nada o poderá destruir. «Bebo pela saude do sr. Presidente da Republica, pela prosperidade do seu Governo, pela gloria da Nação Portuguesa!»

NOS DEPUTADOS

O SUBSIDIO

anual

do chefe do Estado

vai ser multiplicado por dez?

A sessão abre com quasi falta de numero. Na presidencia, para dar um pouco de folga ao sr. Alberto Vidal, está o sr. Marques de Azevedo.

Diz-se á boca pequena nos corredores, que vai hoje discutir-se um assunto importantissimo.

Não é o regimen cerealifero, não é a nova lei do selo, não é a exportação de vinhos do Porto.

O que será então?

* * *

E' o sr. Almeida Ribeiro quem desvenda o misterio, sem se exaltar — como sempre — na sua voz douta e pacata de homem que não quer gritar mais alto do que as leis que está habituado a interpretar.

O sr. Almeida Ribeiro propõe, por escrito, consoante as praxes, que a dotação atribuida ao Chefe do Estado passe a ser paga em ouro, reconhecida a impossibilidade dele poder fazer condignamente as suas despezas de representação com os actuais honorarios.

O texto do projecto é o seguinte:

Art. 1.º — E' fixado em 18 contos-ouro, o subsidio anual do Presidente da Republica.

Art. 2.º — Para despezas de representação será abonada ao mesmo Presidente a verba anual de 6 contos, ouro .

Art. 3.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Resolve-se discutir imediatamente o projecto do sr. Almeida Ribeiro.

O sr. Carvalho da Silva pede logo a palavra sobre o modo de votar. E declara:

—Entendo que as comissões devem pronunciar-se sobre o assunto visto que o projecto traz aumento de despeza.

O sr. Cancela de Abreu, falando a seguir, comenta:

—O Chefe do Estado ficará recebendo 600 contos por ano. Parece-me muito!

Apos varios requerimentos e varias provas e contraprovas é aprovada a urgencia e dispensa do regimento e o projecto entra imediatamente em discussão.

* * *

Começam a surgir os modos de ver abundantes de retorica e de apreciações inuteis. Alguns são sensatos; outros teriam ficado muito bem guardados no cerebro dos oradores.

O sr. Mariano Martins considera insuficiente a dotação presidencial. Mas discorda do pagamento em ouro. E conclue:

—Porque não ha-de ser aplicado ao vencimento do Presidente da Republica o multiplicador que melhorou a situação dos funcionarios publicos?

* * *

O sr. Carvalho da Silva, fez politica monarquica, como não podia deixar de ser. Protesta contra o pagamento em ouro, cita a tragedia do cambio ,afirma que não ha o direito de agravar o tesouro e termina por declarar que a minoria monarquica não dá o seu voto ao projecto, o que não causa espanto.

Por vezes o fogoso deputado é interrompido a tempo pelos srs. Antonio da Fonseca e Carlos de Vasconcelos.

* * *

Agora, o ponto de vista do sr. Vasco Borges:

—E' indispensavel melhorar a situação financeira do Chefe do Estado. Mas ha que distinguir, a meu ver, entre vencimento e despesas de representação. Aquele deve ser aumentado, multiplicando-se por dez o subsidio de 1915 .As despezas de representação é que devem ser fixadas em ouro.

E o sr. Vasco Borges envia para a mesa a seguinte proposta de substituição:

Art. 1.º — O subsidio anual do Presidente da Republica será a partir de 5 de Outubro de 1923, o resultante da multiplicação por dez do subsidio de 1915.

Paragrafo unico — E' fixado em 6 contos-ouro o abono para despezas de representação do mesmo Presidente.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 15 ás 12 e das 17.
Telef. 5432
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)